**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO**
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**
**CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA.**

# **PARA ALÉM DAS SALAS DE AULA:** A atuação de Professores Indígenas no Fortalecimento da Identidade Étnica na Aldeia Três Rios.

**SHEYLA MARTINS DE LIMA**

**Rio Tinto-PB**

**Março/2026**

**SHEYLA MARTINS DE LIMA**

# **PARA ALÉM DAS SALAS DE AULA:** A atuação de Professores Indígenas no Fortalecimento da Identidade Étnica na Aldeia Três Rios.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título **Bacharelado em Antropologia**

Orientadora: KELLY EMANUEL DE OLIVEIRA

**Rio Tinto-PB**

**Março/2026**

**SHEYLA MARTINS DE LIMA**

**PARA ALÉM DAS SALAS DE AULA:** A atuação de Professores Indígenas no Fortalecimento da Identidade Étnica na Aldeia Três Rios.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título Bacharelado em Antropologia

Orientadora: KELLY EMANUELLY DE OLIVEIRA

Aprovado em 31 de março de 2026

**BANCA EXAMINADORA**

gov.br Documento assinado digitalmente
KELLY EMANUELLY DE OLIVEIRA
Data: 01/04/2026 16:21:14-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Drª KELLY EMANUEL DE OLIVEIRA – UFPB
(Orientadora – UFPB)

gov.br Documento assinado digitalmente
PEDRO LOBO DOS SANTOS
Data: 04/04/2026 10:17:33-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. PEDRO LÔBO DOS SANTOS
(Examinador Externo)

gov.br Documento assinado digitalmente
ESTEVAO MARTINS PALITOT
Data: 31/03/2026 16:48:18-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. ESTEVÃO MARTINS PALLITOT – UFPB
(Examinador Interno - UFPB)

Rio Tinto – PB
Março/2026

**PARA ALÉM DAS SALAS DE AULA:** A atuação de Professores Indígenas no Fortalecimento da Identidade Étnica na Aldeia Três Rios.

**BEYOND THE CLASSROOM:** The Role of Indigenous Teachers in Strengthening Ethnic Identity in the Três Rios Village.

Orientanda: Sheyla Martins de Lima

Orientadora: Kelly Emanuelly de Oliveira

Resumo:
Este artigo tem como intuito identificar a importância dos professores indígenas atuantes na Aldeia Três Rios, enquanto agentes políticos e agentes da educação. A comunidade, marcada pela memória de luta pela terra, está localizada Terra Indígena Potiguara de Monte Mór, no Território do povo Potiguara, no Município de Marcação (Paraíba). Diante da longa luta pelo território a comunidade atualmente tem como prioridade a manutenção e permanência de elementos da cultura Potiguara, tendo como principal objetivo de fortalecimento de suas origens envolvendo todos da comunidade em ações dentro e fora da escola.

Abstract:
This article aims to identify the importance of Indigenous teachers working in the Três Rios Village, as both political and educational agents. The community, marked by the memory of the struggle for land, is located in the Potiguara Indigenous Land of Monte Mór, within the territory of the Potiguara people, in the municipality of Marcação (Paraíba). Given the long struggle for territory, the community currently prioritizes the maintenance and preservation of elements of Potiguara culture, with the main objective of strengthening its origins by involving everyone in the community in actions both inside and outside the school.

PALAVRAS CHAVES: Indígenas, Potiguara, Educação, Identidade, Professores
KEYWORDS: Indigenous, Potiguara, Education, Identity, Teachers

## INTRODUÇÃO

Meu nome é Sheyla Martins de Lima Indígena Potiguara, Graduanda no Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba e também licenciada em pedagogia na Faculdade Três Marias. Atualmente residente na Aldeia Lagoa Grande, mãe de 2 filhos, tenho como profissão atual cuidadora de crianças especiais e sou coordenadora do grupo Toré Pitanga Potiguara (Toré de Crianças Potiguara), grupo esse que incentiva crianças a fortalecer sua identidade e a cultura através do toré, fazendo apresentações dentro e fora do território Potiguara, mostrando a todos suas origens. A iniciativa de criar o Toré Pitanga foi na busca de que as crianças crescessem valorizando a cultura e sua

identidade étnica, porque elas são a semente do futuro para a continuidade de nossas origens.

Sou participante ativa do movimento indígena de valorização do meu povo e tive como objetivo fazer essa pesquisa na aldeia Três Rios, falando sobre o fortalecimento da identidade étnica dessa comunidade, pois é de suma importância ver como as pessoas valorizam a cultura e passam de geração para geração nossos conhecimentos.

O presente trabalho tem como objetivo identificar, portanto, a importância dos professores indígenas atuantes na Aldeia Três Rios, enquanto agentes políticos e agentes da educação. Essa comunidade, marcada pela memória de luta pela terra, está localizada em Território de Monte Mór, do povo indígena Potiguara, no Município de Marcação (Paraíba). Nessa aldeia os professores trazem como fundamental o Fortalecimento da identidade Étnica, tanto no âmbito escolar, como nas ações cotidianas. Aqui apresentamos elementos para pensarmos como a escola está envolvida com o processo de luta pela terra em Três Rios e a importância de docentes que atuam na valorização da Cultura Indígena Potiguara.

O interesse de fazer essa pesquisa partiu de uma observação participante que realizei em 2022, em uma ida à Aldeia Três Rios, no dia da Comemoração da Retomada da Terra. Neste momento de festa, que comemora o nascimento de uma aldeia que era um mar de cana de açúcar até 2003, percebi que seria de grande importância trazer o Fortalecimento da Identidade Étnica daquela comunidade pelo exemplo das professoras e professores. No evento ficou muito claro a importância desses parentes, que ensinam e vivenciam a cultura no seu cotidiano, tanto no âmbito escolar, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Índio Pedro Máximo de Lima, única em Três Rios, como na sua aldeia. E a partir desse olhar antropológico comecei a despertar uma inquietação para observar e saber mais sobre esse fenômeno da cultura Potiguara no espaço escolar e na aldeia.

A cultura indígena Potiguara é aqui definida como sendo os elementos que fortalecem a identidade étnica. É uma herança feita de tradições (toré, artesanato, língua, pintura, comidas típicas etc.), que está enraizada no povo, onde se busca reafirmar os princípios indígenas dos antepassados, como também renovar a resistência da comunidade em processos de reafirmação de nossa etnia.

Na pesquisa em Três Rios observo que o desenvolvimento de processos de preservação e valorização da cultura indígena na educação escolar indígena busca priorizar e fazer-se presente no cotidiano de forma viva, e não somente em datas comemorativas,

privilegiando a qualidade do ensino e o desenvolvimento dos agentes políticos e agentes da educação inseridos em sua comunidade. Ao mesmo tempo incentivando-os no fortalecimento e reconhecimento de sua cultura, mostrando como algo importante e de grande valia para o crescimento do povo Potiguara.

Através dessa pesquisa aprofundamos nosso conhecimento sobre a cultura na educação escolar indígena, e a relevância de professores indígenas comprometidos com o povo, como algo que diferencia as práticas pedagógicas dentro das escolas, além de contribuir para a reprodução dos costumes e tradições Potiguara.

## METODOLOGIA

Na pesquisa, utilizamos a observação participante que "consiste em o pesquisador se inserir, ser aceito e participar dos eventos do grupo que está estudando para assim entender a lógica que move essa comunidade" (Costa, 2010), sendo feito o trabalho de campo na escola e em eventos da aldeia Três Rios entre 2022 e 2024. O trabalho de campo foi realizado com entrevistas e a observação do cotidiano dos estudantes e de professores, além de pessoas da comunidade, com o interesse de aprender os processos e como resulta o trabalho do Fortalecimento da Identidade Étnica no dia a dia, dentro da escola e na comunidade.

Através da observação participante percebi que os processos que a escola indígena da Aldeia Três Rios no município de Marcação utiliza para desenvolver a cultura na instituição é articulada entre teoria e prática e que a instituição busca inserir a cultura no currículo e no cotidiano escolar indígena. Analisei os processos que se constroem a partir dos professores e de sua atuação enquanto agentes políticos no seu cotidiano, e a importância do fortalecimento da sua cultura, visualizando a participação de todos nesta investigação.

A observação participante foi realizada através de participação em oficinas feitas na escola e fora dela (casa dos anciões, dos artesões e professores). Também tive como foco datas comemorativas anuais na aldeia Três Rios, no Dia dos Povos Indígenas em 19 de abril, e na Comemoração da Retomada das Terras Indígenas da Aldeia Três Rios, que acontece no dia 03 de agosto. Neste último evento eu fui durante três anos seguidos, em 2022, 2023 e 2024.

Tanto no Dia dos Povos Indígenas, quanto na Comemoração da Retomada das Terras Indígenas da Aldeia Três Rios, é realizada a Semana Cultural, onde durante uma semana todo corpo docente da escola se organiza para levar estudantes para oficinas de

confecções de adereço indígenas, pinturas corporais, culinária, ervas medicinais e visitas aos anciões que fizeram parte da construção da aldeia durante a retomada das terras. No último dia das oficinas é feita uma feira cultural, para apresentar tudo que foi realizado durante a semana, e através de diálogo feito durante essa trajetória com pessoas da comunidade.

Procurando explorar os nossos objetivos e entender a realidade daquele povo, optamos por fazer uma pesquisa qualitativa através de entrevistas com professores e moradores indígenas da comunidade, que possibilitaram um diálogo flexível, abrindo um leque de informações importantes relacionadas à cultura e aos processos de como é trabalhado a cultura dentro do contexto para além da sala de aula. Também observei os professores na entrega de atividades escolares que aconteceram em casas de apoio (casas dos próprios professores), pois a escola no final do ano de 2022 passou por uma reforma, para melhorar a qualidade da estrutura escolar e tornar um ambiente mais seguro e agradável. Por fim, acompanhei a participação dos mesmos em movimento culturais ou políticos que auxiliam a comunidade no fortalecimento na cultura e na sua identidade enquanto Indígena Potiguara.

A partir desse contexto, foram feitas entrevistas ainda com pessoas que fizeram parte da Retomada da Aldeia Três Rios e da construção da Escola, e que até os dias atuais tem um papel muito importante na comunidade. Todos que fazem parte da aldeia, liderança, anciões, professores e moradores, com o mesmo objetivo, lutando por um lugar para poder viver e plantar. Entrevistamos os agentes políticos e professores Joás Azevedo (professor indígena), José Nilton Azevedo (diretor da escola indígena) e Maria Aparecida Azevedo - Cidinha (professora indígena), que desde a retomada pelas terras em 2003 fazem parte do movimento em busca de trazer melhorias para sua comunidade, contribuindo com seus conhecimentos culturais e pedagógicos, onde conseguem transmitir a importância da valorização da sua identidade étnica para seu povo.

Também entrevistamos José Roberto Azevedo Silva, conhecido como Bel (ex-cacique), que esteve entre as primeiras lideranças na aldeia, sendo o primeiro cacique, lutando incansavelmente junto com Josecy Soares (atualmente Pajé da Aldeia) e seu povo para conseguir retomar as terras da Aldeia Três Rios, e que por muitos anos fez com que a cultura indígena se mantivesse viva durante seu tempo de cacicado. Até os dias atuais Bel continua fazendo parte dos movimentos indígenas em busca de melhoria para o Povo Potiguara. Também entrevistei o professor da UFPB e antropólogo Estevão Palitot, porque

participou de perto da luta do Povo Potiguara durante a retomada da terra da Aldeia Três Rios.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Na pesquisa foi realizada também uma revisão bibliográfica onde destacamos a autora Marques (2009), onde ela conceitua a luta pela territorialidade da retomada da aldeia Três Rios. Os autores, Tassinari (2008), Luciano (2018) e Nascimento (2012), trazem a importância da educação escolar indígena. O autor Barth (2005) que me ajudou a compreender como se constrói a identidade étnica e Grünewald (2005), que diz que o Toré é um ritual de suma importância para o Povo Potiguara.

Pode-se afirmar que a educação diferenciada ou educação escolar indígena é uma das formas que os professores buscam para lutar pela sua etnia e sua cultura, acreditando que a escola pode desempenhar um papel essencial na formação das novas gerações, em busca de exigir uma política mais definida para a educação indígena, com o propósito de um currículo específico para uma educação diferenciada.

Sendo assim, tais princípios têm como intuito no âmbito escolar, a valorização e conhecimento da cultura em busca de mostrar para as novas gerações, o quanto devemos dar o devido valor para nossa etnia, e todos visando o mesmo objetivo que é a ressignificação da cultura. Portanto, percebemos que a cultura é algo muito importante, pois cada comunidade tem sua cultura e seus costumes, assim podemos identificar.

Segundo Barth:

> Todos concordamos que cultura se refere a algo (tudo?) Que é aprendido. Mais precisamente isso significa que cultura é induzida nas pessoas por meio da experiência – logo, para identificá-la, temos de ser capazes de apontar para essas experiências. Temos também de aceitar as seguintes implicações: que a cultura deve ser constantemente gerada pelas experiências por meio das quais se dá o aprendizado. Assim, temos de ter um foco – não para afirmar que a cultura é localizada em algum lugar, mas como uma forma de identificar onde ela está sendo produzida e reproduzida. (Barth, 2005 p. 16)

Sendo que a cultura indígena Potiguara é identificada através do toré, pintura, artesanato, comidas típicas, ervas medicinais e religião. Essas características vêm sendo afirmadas e reafirmadas na educação escolar diferenciada para a ressignificação da sua identidade étnica, como forma de aprendizado contínuo envolvendo toda a comunidade.

Todas essas particularidades que acima foram citadas são de extrema importância para a aldeia, sendo que o toré é o principal ritual. Ele é realizado em datas comemorativas como da retomada das Terras Indígenas Potiguara da Aldeia Três Rios, a Semana da

Cultura e Dia dos Indígenas, entre outras. Onde buscam a valorização e reconhecimento de sua identidade e cultura. Segundo Palitot:

> o ritual do toré cumpre importante papel comunicacional nas relações cosmopolíticas dos Potiguara, estabelecendo relações com potências mundanas e extramundanas, dramatizando coletivamente os temas cosmológicos da ancestralidade e da vinculação aos ambientes em que vivem. Nas músicas do toré e em suas performances evocam-se e invocam-se atividades cotidianas (pesca, coleta), eventos históricos (guerras, aldeamentos, festas) e seres espirituais (Reis Canindé, Cabocas de Pena, Tapuia Coronga, santos cristãos, antepassados). O ambiente em que se dança é defumado com grandes cachimbos e bebe-se vinho de jurema, em ocasiões mais solenes (Palitot, 2020. P. 130)

O autor ajudou a compreender que o Toré é um ritual de suma importância para o Povo Indígena, onde cada comunidade tem seus costumes e cultura inter-relacionada para a vivência de uma experiência única, sendo que todos os envolvidos têm o mesmo objetivo de participar e sentir-se em contato com os seres espirituais que nos trazem paz e força para mantermos a nossa luta e cultura viva, diante de tantas diversidades encontradas nessa trajetória da permanência no território indígena.

Barth (2005) nos ajuda a compreender como se constrói a identidade étnica, e como as pessoas se reconhecem com uma identidade diferenciada, que pode ser identificada tanto no coletivo quanto individualmente. O autor nos ajuda a compreender de que forma os professores da aldeia Três Rios se reconhecem tendo identidade diferenciada, tanto como os professores Indígenas como também agentes políticos que atuam compartilhando os saberes culturais e experiências adquiridas.

Destacamos também a contribuição da geógrafa Amanda Marques (2009), que relata a luta pela territorialidade da retomada da Aldeia Três Rios, como forma de identificação de como os Potiguaras lutaram pela demarcação do território. Marques traz relatos de indígenas envolvidos nesse movimento de luta por seus direitos, tendo em vista que a terra seria de grande serventia tanto para moradia quanto para a sustentabilidade do povo que iriam residir. Até nos dias atuais os professores atuam como agentes políticos juntos com os demais indígenas da comunidade buscando projetos que beneficiam a todos.

O texto da antropóloga Antonella Tassinari ajudou a pensar as políticas educativas que possam vir a melhorar o funcionamento do ensino dentro da escola indígena e da comunidade, buscando um ensino diferenciado. A autora reflete sobre a luta constante dos professores para adquirir novos métodos que possam auxiliar como profissionais da educação indígena, valorizando suas raízes, incentivando a prática da cultura e da língua materna. Segundo a autora,

> Essa integração progressiva das línguas nativas no processo escolar e a contratação de indígenas como professores auxiliares (chamados monitores bilíngues) foi o início de uma mobilização indígena que levou ao desenvolvimento do projeto da educação escolar diferenciada, bilíngue e intercultural, visando a autodeterminação a valorização das línguas e culturas indígenas e a manutenção de suas diferenças étnicas. (Tassinari, 2008, P.230)

Podendo assim relevar todo o processo que venha ser vivenciado, com o objetivo de formar professores capacitados para trabalhar especificamente a língua utilizada pelo povo indígena, buscando o desenvolvimento de uma educação adequada de acordo com a sua etnia. Segundo Tassinari:

> No campo das políticas públicas, o sistema de ensino brasileiro passou por uma ampla reformulação a partir da promulgação da Constituição Federal,em 1998, seguida pela aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996 A educação escolar voltada para os povos indígenas passou progressivamente a ter prerrogativas diferenciadas do sistema de ensino nacional Pela primeira vez na história do País a Constituição reconhece a diversidade cultural e estabelece direitos diferenciados aos povos indígenas. Dentre estes o direito a uma educação escolar que utilize suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. (Tassinari, 2008 P.232)

Assim sendo a autora especifica que as escolas indígenas têm seu próprio projeto pedagógico e curriculares de acordo com sua realidade, mantendo sua cultura no ambiente educativo, quanto na comunidade, destaca papel fundamental dos professores nesse processo. O antropólogo indígena Gersem Luciano Baniwa, ajuda a questão das dificuldades que acontecem, para que os indígenas venham ater uma educação diferenciada. Ele explica que ao longo dos anos nós indígenas fomos ganhando força e espaço dentro das políticas educacionais visando ter sua educação diferenciada e respeitada. Segundo Luciano:

> O acesso à educação escolar tem sido uma das bandeiras de luta prioritária dos povos indígenas do Brasil nas últimas décadas. A política de universalização do ensino fundamental adotada pelo governo brasileiro desde a década de 1990 contribuiu para que hoje a maioria das aldeias indígenas tivesse algum tipo de atendimento escolar principalmente quanto à primeira etapa do ensino fundamental. (Luciano, 2018, P.41)

Dessa forma o autor ajudou a compreender a difícil trajetória que o povo indígena vivenciou durante vários anos, para obter a sua identidade e reconhecimento voltado a sua educação e cultura que sempre foi desvalorizada. Sendo assim o texto é de suma importância onde abrange as problemáticas enfrentadas pelos professores relacionadas à

pesquisa, onde os mesmos buscam solucionar estratégias especificas para resolução de tais problemas, referente a escola e a comunidade. Segundo Luciano:

> É neste contexto que vão se ampliando as demandas indígenas por educação e pelo reconhecimento da necessidade do diálogo da escola com os conhecimentos tradicionais. Por meio de suas organizações, os povos indígenas têm reivindicado a escola enquanto espaço de formação qualificada de seus dirigentes e membros para elaborar e gerir projetos em suas terras e também para acompanhar a complexa administração da questão indígena no plano governamental, distribuída entre diversos ministérios, além de garantir o exercício de cidadania local, regional, nacional e planetária. (Luciano, 2018, P.43)

Enfatizo quanto é necessário a participação do professor enquanto agente da educação e agente político, para evolução de gerir projetos que possam auxiliar, no fortalecimento de identidade étnica.

Nascimento(2012), pedagogo que estuda especificamente sobre a educação escolar indígena Potiguara, observa que nosso povo busca priorizar e valorizar uma educação diferenciada, com o objetivo de reconstrução e o reaviva mento e um currículo diferenciado inserido no âmbito escolar, buscando o enraizamento e valorização da cultura indígena Potiguara, mostrando como tudo se iniciou para hoje podermos mostrar nossos costumes e tradições em meio à sociedade, tendo nossos direitos em todo e qualquer lugar.

> Os saberes da sobrevivência incluem o cultivo de valores como etnia, aldeia e família. Entre os indígenas, as novas gerações precisam compreender o significado de cada uma dessas instâncias sociais. Aprender a valorizá-la desde cedo representa apropriar-se de conceitos fundamentais para a manutenção de uma matriz cultural que mantém a identidade de um povo. (Nascimento, 2012 P.79)

Diante das adversidades enfrentadas pelos povos indígenas, pode-se afirmar que essa nova geração que está sendo incentivada para manter sua cultura viva e dar continuidade a sua etnicidade, valorizando desde cedo sua cultura, diante de uma sociedade em constante desenvolvimento. Sendo que o objetivo é de ter um currículo diferenciado, para uma educação adequada de acordo com sua etnia, fazendo com que priorize sua identidade étnico-cultural.

Segundo Nascimento, “o plano de educação escolar indígena Potiguara objetiva reconstruir as marcas étnico-culturais, aquelas que são capazes de fortalecer cada vez mais a identidade do grupo, de forma a se diferenciar de outros tantos espalhados no território brasileiro”(2012, P. 83). Desse modo o autor faz com que possamos entender como a educação vem se transformando e obtendo melhorias através dos esforços diários de todo

corpo docente, em busca de um só objetivo que é uma educação diferenciada, e o fortalecimento de sua cultura.

Através dessas afirmações acima podemos refletir que os envolvidos que buscam projetos políticos e pedagógicos para o âmbito escolar em sua comunidade, visam o enraizamento de sua cultura e fortalecimento de sua identidade.

Os textos estudados nos mostram, portanto, a importância da educação diferenciada e dá pistas de como a trajetória percorrida pelo povo Potiguara e seus agentes políticos e educacionais buscam sustentar um currículo diferenciado e a (re)significação das memórias e das tradições. A partir disso vamos observar especificamente como essa realidade é construída na aldeia Três Rios, marcada pela resistência e luta pela conquista do território.

## REAVENDO NOSSA TERRA – A ALDEIA TRÊS RIOS

Para reconstruir a história da Retomada da Aldeia Três Rios me utilizei dos textos de Marques (2009), Cruz, Monteiro, Oliveira e Palitot (2021) e Palitot (2020). No início do século XX, a instalação da Companhia de Tecidos Rio Tinto pela família sueca Lundgren (1917-1924) resultou na expulsão violenta de famílias indígenas Potiguara de suas terras tradicionais. Após a desativação da fábrica de tecidos em 1983, grandes extensões de terra, incluindo as áreas de Três Rios, passaram a ser utilizadas para o cultivo de cana-de-açúcar por usinas, como a Usina Japungu.

A história da Aldeia Três Rios possui raízes antigas e é marcada por recorrentes disputas territoriais entre indígenas e não indígenas. Inicialmente, o território foi tomado dos indígenas pelo conflito que envolveu a Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT). Posteriormente, passou a envolver os interesses dos usineiros da Usina Japungu, que transformaram progressivamente o território da aldeia em um imenso campo de plantação de cana de açúcar, expulsando todos do local. Apesar dessas pressões, os povos indígenas sempre utilizaram o espaço da aldeia para o plantio, o acesso ao manguezal e para a realização de atividades cotidianas, como lavar roupas e coletar água para consumo, mas de forma restrita.

A maior parte da área passou a ser ocupada por canaviais, e os poucos terrenos disponíveis para o cultivo indígena restringiam-se às encostas, caracterizadas por áreas inclinadas. Além disso, para acessar o manguezal era necessário atravessar áreas vigiadas, o que gerava constrangimentos constantes, uma vez que havia vigilantes posicionados ao redor do campo de futebol com o objetivo de impedir a retirada de cana do canavial. Esse contexto evidencia as restrições impostas ao uso do território tradicional e

os impactos sobre as práticas produtivas e socioculturais historicamente desenvolvidas pelas comunidades indígenas da Aldeia Três Rios.

No ano de 2000 a situação do acesso à terra foi ficando cada vez mais limitado e causando revolta nos indígenas, então eles decidiram que toda vez que a usina tirasse a cana de açúcar, eles irão plantar lavoura branca naqueles espaços, e a usina arrancava a lavoura e colocava cana de açúcar em cima novamente, gerando assim muita confusão, nesse mesmo ano os indígenas entraram para aldeia e não saíram mais.

Diante da escassez de terras disponíveis para o cultivo e da ausência de espaços adequados para a construção de moradias, a comunidade indígena decidiu reivindicar o direito ao território tradicional, dando início ao processo de luta pela Retomada da Terra Indígena, no inicio dos anos 2003. Esse momento foi de grande relevância histórica e social para o povo Potiguara, pois contou com o apoio de diversas lideranças indígenas e de membros das aldeias Ybykuara, Lagoa Grande, Jacaré São Domingos, Monte-Mór, Jaraguá, São Francisco, Forte e Alto do Tambá, além do suporte de Irmã Gilvanete de Andrade. Ela era missionária do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e foi fundamental nessa época, pois ajudava levando comida, água e outras coisas para as pessoas que ficavam nas barracas de dia a noite, ocupando o local onde hoje é a aldeia, em um processo de Retomada.

> As retomadas emergem em um contexto de inação do Estado brasileiro em demarcar terras indígenas, ocasionando o acirramento da violência contra esses povos e seus territórios, espaços imprescindíveis à reprodução física e cultural dos grupos, sendo-lhes o território, portanto, o mais fundamental de seus direitos(Cruz *et al*. 2021. p.163).

Após meses de conflitos entre Potiguaras e usineiros, por conta do processo de demarcação da terra, a Retomada se consolida com a posse da terra, no dia 04 de Agosto de 2003, que até hoje é reconhecida e comemorada como o Dia da Retomada de Três Rios. Os Potiguaras retomaram as terras que antes eram usadas pelos usineiros para plantio da cana-de-açúcar, para novamente serem utilizadas pelos indígenas para o plantio de lavoura branca (inhame, macaxeira, mandioca) e com isso trazendo a sustentabilidade daquelas famílias, e reafirmando a identidade do povo Potiguara e da memória coletiva.

A retomada se estendeu por vários meses e foi marcada por intensos episódios de sofrimento, resistência e perseverança. Mesmo diante das adversidades, os indígenas não desistiram da luta e passaram a construir pequenas barracas de palha, que serviam como abrigo durante o período de ocupação. Nesse espaço, durante a noite, realizavam-se rituais

tradicionais, como o Toré e o coco de roda, além de momentos de vigília. Durante o dia, os indígenas dirigiam-se aos canaviais para retirar a cana-de-açúcar e iniciar o plantio da lavoura branca; em resposta, os usineiros frequentemente enviavam tratores para destruir as plantações.

Em determinado momento, como forma de resistência e de afirmação de seus direitos territoriais, os indígenas e suas lideranças apreenderam os tratores da usina, mantendo-os retidos por aproximadamente três meses. Essa ação teve como objetivo demonstrar a seriedade da reivindicação e a determinação do povo indígena em recuperar terras que historicamente lhes pertenciam (Marques, 2009).

Posteriormente, foi concedida uma decisão liminar favorável aos usineiros, exigindo a reorganização das estratégias de mobilização das lideranças indígenas. Mesmo assim os indígenas não desistiram e continuaram lutando, fecharam a PB 041 para manifestação lutando pelos seus direitos e com muita persistência os indígenas conseguiram de volta o que era seu, as terras e sua dignidade.

E Tendo um papel muito importante durante essa luta pela terra foram os indígenas Josecy (Pajé Ci), Seu Pedro Máximo, Dona Maria do Porco, Dona Zita, Lena, e cujo seus parentes continuam até hoje como Professores e pessoas do movimento que buscam melhorias para escola e a comunidade.

A mobilização pela terra continuou, com um processo de regularização fundiária na Funai. Esse processo levou mais de 20 anos pra ser concluído, mas no dia 04 de dezembro de 2024 foi oficializada a homologação da terra indígena de Monte Mór pelo Presidente Lula, que inclui as aldeias de Lagoa Grande, Ybykuara, Jaraguá e Três Rios. Nesse processo de 20 anos Três Rios transformaram o ambiente, que era só cana, em uma aldeia com casas e plantações variadas e escola, onde por todos esses anos ainda continuou lutando por seus direitos e valorizando a sua cultura, e proibindo a plantação de cana.

## A HISTÓRA DA ESCOLA INDÍGENA

Com a Retomada das terras, as pessoas passaram a reconstruir suas casas, onde os canaviais haviam invadido. Através disso surgiu a primeira reivindicação da comunidade que era a construção de uma escola na aldeia e no dia 16 de março de 2004, a escola da Aldeia Três Rios tem fundação. Ela era em uma chamada Casa de Apoio, que foi criada para ser uma escola provisória, para não deixar as crianças sem estudar. Ela foi construída pelos próprios moradores da comunidade, sendo que no início essa casa não tinha uma

estrutura planejada para salas de aula. Era uma casa de taipa, não possuía luz elétrica, água encanada e nem merenda escolar.

Na época havia apenas o professor Joás Azevedo, morador da aldeia Três Rios desde a retomada e participante ativo dos movimentos indígenas até os dias atuais, que dava aula, cuidava da alimentação, da distribuição de água potável para os estudantes e da limpeza da casa. Isso porque não havia estrutura financeira para fazer a contratação de novos funcionários para exerce essas outras funções, como merendeira, auxiliar de limpeza, vigilante, entre outros.

A merenda escolar ficava a cargo do cacique da aldeia, Bel, que foi participante ativo da retomada das terras da Aldeia Três Rios. A Prefeitura Municipal da cidade de Marcação ajudava dando assistência salarial ao professor, pois ainda não era uma escola municipal. No entanto nesse atual período a escola oferecia o primeiro ciclo do ensino fundamental, de segunda à sexta-feira.

Aos sábados eram inseridas aulas voluntárias da língua Tupi, administradas pela professora Jaqueline Ciríaco, filha da liderança Capitão Potiguara e Maiara Pessoa, sobrinha do, à época cacique geral, Caboquinho Potiguara, que moravam na aldeia Forte. É importante destacar que o motivo dessas professoras terem dado aulas voluntariamente em uma área mais distante (já que residiam em aldeias na Baía da Traição) era o apoio massivo dos indígenas em relação à Retomada. Várias pessoas, de diversas aldeias se disponibilizaram para ajudar na educação daquelas crianças, que naquele tempo ainda não tinham uma escola formalizada.

Após dois anos da Retomada, em 2005, muitas famílias já moravam na aldeia. Daí surgiu um novo problema expresso na escola ficar distante da maioria das casas já estabelecidas na aldeia. Então a uma opção foi à transferência das aulas da Casa de Apoio, onde funcionava a escola, para a Oca da aldeia, onde as aulas foram provisórias, pois já estava em andamento a construção do prédio escolar, que possuía apenas uma sala de aula. Sendo assim a construção da escola foi feita com a ajuda da comunidade e alguns parceiros, como a irmã Gilvanete, missionária do CIMI.

Com as aulas sendo transferidas para a Oca, as aulas eram ministradas pelos professores Joás Azevedo da Silva e Érica Maria da Silva, nos turnos manhã e noite, com o ensino fundamental e o Brasil Alfabetizado (o equivalente ao que hoje é o EJA-Ensino de Jovens e Adultos). Em 2006, com a sala de aula já construída, as aulas saíram da Oca e os estudantes passaram a ter aulas em um ambiente melhor, com os professores Joás Azevedo, Érica Maria e Jeane Lourenço, nos turnos manhã e noite.

Esses professores indígenas foram e são fundamentais para preservar a cultura, a língua e os conhecimentos tradicionais. Eles ensinam de uma forma que respeita a realidade das aldeias e combinam saberes ancestrais com conteúdos da educação formal, mesmo enfrentando desafios, como a falta de reconhecimento e materiais. Seu trabalho é essencial para fortalecer a identidade étnica e garantir que suas tradições continuem vivas

Todos esses professores são Indígena Potiguara, e desde o início fazem parte dos movimentos indígenas, sempre em busca de melhorias na educação e pelo reconhecimento de sua identidade étnica. Até os dias atuais eles fazem parte da mobilização política.

No ano de 2007 a comunidade se reuniu com a necessidade que algum órgão público assumisse a escola, pois a mesma ainda não era registrada, portanto as aulas serviam apenas como um reforço escolar, visto que o intuito era não deixar que as crianças e jovens ficassem  sem estudar. Então o cacique Bel, da Aldeia Três Rios e Josecy Soares da Silva (Conhecido como Sí), que também já foi cacique da aldeia e atualmente é Pajé na aldeia, levaram a proposta da comunidade para a Prefeitura de Marcação, já que a mesma ajudava a comunidade com o trabalho do professor Joás Azevedo.

No entanto, o então prefeito de Marcação na época, Paulo Sérgio da Silva Araújo, queria colocar seus próprios funcionários da cidade. O cacique Bel falou que a escola era na aldeia e que os professores também precisavam ser da aldeia e indígenas. Por esse motivo o prefeito não quis se responsabilizar por outros professores da aldeia Três Rios. Diante do ocorrido, a comunidade e o cacique decidiram fazer uma reunião para elaboração de uma ata, com a finalidade de estadualizar a escola. Este foi um movimento dos professores Potiguara em todo o território, que lutaram para estadualizar as escolas em um período em que indígenas de todo o país atuavam neste sentido.

A proposta foi levada para o Estado e o governador Cássio Cunha Lima avaliou e aceitou a proposta feita pelos representantes da aldeia. No mês de fevereiro de 2007, a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Índio Pedro Máximo de Lima, e o nome da escola foi uma forma de homenagear Seu Pedro Máximo, pois ele foi o primeiro morador, a fazer a primeira casa na aldeia e ele foi fundamental na luta das terras e com isso deram-se início as aulas com aumento no quadro de funcionários, sendo contratados: três professores, uma secretária, uma merendeira e uma auxiliar de limpeza.

Em 2008 houve um novo aumento no quadro de funcionários, incluindo a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). No ano seguinte 2009 a escola incluiu o ensino fundamental da segunda fase e com isso o quadro de funcionários duplicou, passando a ser composto por dezesseis funcionários. Já em 2010 a escola continuou a

crescer, houve um aumento de mais cinco funcionários, totalizando vinte e um funcionários.

Em 2012, a escola foi contemplada com o Programa Mais Educação. Sendo assim a escola passou a atender os estudantes de forma integral, com aulas diferenciadas de acompanhamento pedagógico, esporte e lazer, agro ecologia, cultura e arte, aumentando a permanência dos estudantes na escola, havendo a necessidade de aumentar o quadro do funcionário para que o programa funcionasse de maneira adequada. Então foi requisitado um coordenador, e uma merendeira e mais dois auxiliares de serviços gerais, hoje a escola encontra-se com vinte e cinco funcionários. No ano de 2013, a escola dá início ao processo de regularização do ensino médio, implantando o primeiro ano do ensino médio nesse mesmo ano. Em 2015 a escola já está consolidada, contando com os anos iniciais, Fundamental I e o ciclo do Fundamental II.

Correlato à história de resistência educacional, ou seja, um processo contínuo de luta por um espaço adequado e funcionários suficientes na unidade escolar, destacamos ainda o cotidiano da Escola da Aldeia Três Rios, com um currículo que está repleto de elementos da cultura Potiguara, sendo elas, a pintura corporal, o ritual do toré, as comidas típicas, a memória viva da luta dos antepassados, a contação dos mitos indígenas da região, a preservação dos espaços sagrados o respeito e memória dos anciões chamados de troncos, entre outros.

Nossa pesquisa teve como um dos objetivos ainda compreender os processos da cultura indígena Potiguara no cotidiano escolar e como eles estão sendo desenvolvidos, para que todos estejam incluídos na construção do seu reconhecimento como indígena e se apropriando da cultura, tão memorável e de suma importância.

Observamos todo o processo que a escola indígena da Aldeia Três Rios utiliza para desenvolver o ensino de valores da cultura Potiguara na instituição, buscando métodos adequados para ser usados na teoria e na prática. Iremos ter a oportunidade, a seguir, de observar e refletir sobre os processos que professoras e professores indígenas utilizaram e utilizam na valorização da cultura Potiguara, no currículo e no cotidiano escolar indígena.

Vemos que, para além de falar sobre nosso povo, esses/essas docentes fazem de suas práticas de trabalho também um exemplo sobre solidariedade e valorização do coletivo. Esses são valores do nosso povo que ficam muito evidentes na prática de ensino, principalmente em momentos mais difíceis, como foi o caso do período da pandemia da Covid-19.

PANDEMIA E MUDANÇAS NO FUNCIONAMENTO

No ano de 2020 surgiu o vírus da COVID-19, que se alastrou pelo mundo e levou a uma pandemia onde interferiu na educação, na saúde entre outros. Com isso foi decretada a quarentena, onde as pessoas ficaram impossibilitadas de socializar fisicamente, ou seja, não podiam estar em ambiente onde várias pessoas tivessem inseridas. A pandemia da Covid-19 trouxe mudanças profundas para educação em todo o mundo, com o fechamento das escolas para evitar a transmissão do vírus os professores e estudantes tiveram que se adaptar rapidamente ao ensino remoto. Essa mudança revelou desigualdades - muitos estudantes não tinham acesso a internet, computadores ou um ambiente adequado para estudar, o que dificultava o ensino e a aprendizagem.

Durante a pandemia da Covid-19, os professores enfrentaram grandes dificuldades com a transição para o ensino remoto. A falta de formação tecnológica, de infraestrutura adequada e de acesso à internet dificultou o planejamento e a realização das aulas. Além disso, muitos alunos não conseguiam acompanhar as atividades, o que ampliou as desigualdades educacionais. A sobrecarga de trabalho e os impactos emocionais também marcaram esse período, exigindo dos professores adaptação, esforço e resiliência para garantir a continuidade do ensino.

No momento da pandemia todo o corpo docente da Escola da Aldeia Três Rios entra em uma mobilização social, onde buscaram meios de conciliar as aulas que eram presenciais e passaram a ser remotas. Os professores buscaram métodos que diminuíssem essa desigualdade em relação às dificuldades do remoto e conseguissem que todos os alunos continuassem tendo uma boa educação, mesmo à distância. Abaixo apresentamos algumas das soluções, que remetem à uma forma de educação que valoriza o empenho e conhecimento da realidade local.

As professoras do ensino Infantil e fundamental I (Gerlândia Balbino, Maria Aparecida (Cidinha) e Jacieli da Silva Araújo) usavam suas casas para continuar dando aulas, e como as turmas eram grandes (cerca de 25 crianças por turma), elas dividiam a turma em dias diferentes, para não ter aglomeração.



**Imagem 1**

A professora Jacieli da Silva Araújo, ensinando os alunos em sua casa, na Pandemia Fonte: Mãe de uma aluna no dia 24 de março de 2021.

Os professores do Fundamental II e Ensino Médio iam para escola fazer a entrega de atividades semanais relacionadas aos assuntos que teriam que ser aplicados, xerocando para ser feitas semipresencial, onde durante três dias da semana professores se reuniam na escola para fazer a distribuição das atividades e tirar dúvidas dos estudantes. Além disso, foram feitos grupos de whatsapp para enviar atividades para aqueles que tinham acesso a celular e internet, tudo isso mostra o quanto os professores são dedicados à aprendizagem dos alunos, encarando os desafios e conseguindo soluções.

Também foi um momento de expressar elementos da cultura Potiguara em relação a solidariedade e senso de responsabilidade comunitária, pois esse período pandêmico durou mais de dois anos, afetando de várias maneiras as pessoas. Os professores tiveram que ser persistentes e adequar formas de ensino que fossem atraentes para aqueles estudantes, correlacionando as atividades ao cotidiano daquelas pessoas e continuando valorizando a sua cultura mesmo no método remoto.

## A REFORMA DA ESCOLA

No mês de setembro de 2022 ainda na pandemia, a escola deixa de ser utilizada como base, pois foi solicitada uma reforma, para a melhoria do seu funcionamento e ampliamento da mesma. Os docentes então continuam com as aulas remotas e dando seguimento da mesma forma do período da pandemia, os professores optaram por continuar a dar aulas no modelo semipresencial, em suas residências, dividindo as turmas em grupos reduzidos de estudantes para que não houvesse aglomeração de pessoas, preservando a saúde dos alunos.

Diante do modelo de ensino remoto durante o período pandêmico, os docentes prosseguiram com suas atividades escolares, mesmo em meio a diversas dificuldades. Entre os principais desafios enfrentados destacaram-se a limitação do acesso à internet por parte dos estudantes, a escassez de equipamentos tecnológicos e a necessidade de reorganização das práticas pedagógicas para ambientes virtuais. Apesar dessas dificuldades, os professores mantiveram o compromisso de incentivar os estudantes a perseverarem nos estudos, assegurando a continuidade do processo formativo.

Com o decreto oficial do fim da pandemia, após dois anos de ensino remoto, iniciou-se a discussão acerca da retomada das aulas presenciais. Contudo a instituição escolar ainda se encontrava em processo de reforma, o que inviabilizava a utilização imediata de suas atividades, com isso o corpo docente se organizou e conseguiram uma

casa para alugar que servia de apoio para ser a secretaria e a para entregas de atividades, onde os próprios funcionários da escola pagavam o aluguel do imóvel.



**Imagem 2**

Os professores fazendo a entrega das atividades semanais para os alunos. Fonte: Autor desconhecido, no dia 05 de dezembro de 2022.

Nesse contexto foi sugerida a locação de um imóvel provisório de modo a garantir o retorno das aulas presenciais com a devida organização e segurança, depois de muita procura o diretor José Nilton (Niltinho) conseguiu alugar um espaço para dar continuidade às aulas em modo presencial. A escola provisória ficava localizada na cidade de Marcação. Esse foi o primeiro desafio, pois a localização dificultava o acesso dos alunos. A cidade de Marcação fica em frente à aldeia, mas são separadas pela rodovia PB-041, com grande movimentação. Os estudantes tinham que atravessar a pista e muitos pais tinha medo. O diretor Niltinho ainda tentou conseguir transporte para a locomoção dos alunos com a Prefeitura de Marcação e o Estado, mas sem êxito.

Outro desafio foi à demora da reforma da escola, que estava prevista pra ser entregue com seis meses, mas já haviam se passados dois anos e a escola ainda não estava pronta. Então foram dando continuidade nessa escola que tinha sido alugada, mesmo não sendo um lugar adequado, com todo corpo docente se empenhando para dar seu melhor, tanto no ensino como no acolhimento aos alunos. O prédio alugado era primeiro andar, onde funcionavam na parte de baixo, duas salas de aula, a secretaria, a cozinha e auditório. Na parte de cima havia três salas que eram divididas por pedaços de madeiras, PVC e livros. Essa organização na parte de cima e mesmo a proximidade embaixo, deixava bastante difícil para se administrar as aulas, pois quando o professor dava aula em uma sala, dava para se escutar da outra sala e as vezes ficava difícil o entendimento dos assuntos passados.

Tal decisão representou não apenas uma medida emergencial, mas também um marco de transição, simbolizando o esforço coletivo para restabelecer uma rotina escolar

em condições adequadas. Assim pode se concluir que em meio a todo acontecido mantiveram se firme e com um propósito de manter todos os estudantes no âmbito escolar, para que não houvesse evasão.

No ano de 2025, iniciaram as aulas na nova escola da Aldeia Três Rios, onde tinha passado por uma reforma que durou mais de três anos para ser concluída. No entanto agora a escola ficou um espaço, mas amplo, com segurança, conforto, salas climatizadas e com características indígenas. As salas, banheiros, cozinha e refeitório, são todos identificados em tupi, com pinturas indígenas, fortalecendo cada vez mais a identidade Potiguara, com o objetivo da inserção à língua materna de forma que as pessoas não esqueçam e venham a aprender e sentir-se incentivados a conhecer sobre a cultura indígena e nossa história.

## A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE ÉTNICA

A escola da aldeia Três Rios tem o ensino voltado para a valorização da cultura indígena, onde nos anos iniciais, o cacique bel teve como iniciativa inserir o toré com o objetivo de fortalecimento da cultura, dando continuidade a mesma foi criada uma semana cultural de oficinas, onde acontece duas vezes anual a primeira é realizada uma semana que antecede a comemoração dos povos indígenas, 19 de Abril e a outra quando se comemora a retomada das terras, 4 de Agosto que são realizadas oficinas de artesanatos, pintura corporais e ervas medicinais e a visitação aos anciões da aldeia em busca de conhecimento das origens do povo Potiguara e da luta pela territorialidade.

O ensino voltado à valorização da identidade étnica manifesta-se de múltiplas formas. Currículos contextualizados incluem a história oral, os mitos, as práticas religiosas, as línguas maternas, as manifestações artísticas e os saberes tradicionais. Estudos recentes apontam que atividades como a confecção de artefatos culturais, apresentações de cantos e danças tradicionais, além de oficinas sobre plantas medicinais, contribuem para a construção de uma consciência étnica.

O fortalecimento da identidade étnica na escola indígena não ocorre de forma pontual, mas como um processo contínuo e dinâmico. Ao integrar práticas educativas à vida comunitária – como festivais culturais, feiras de saberes, a escola contribui para a preservação de tradições e para a formação de sujeitos críticos e conscientes de suas origens

Em resumo, a escola indígena exemplifica como a educação pode ser simultaneamente instrumento de aprendizado formal e espaço de fortalecimento da

identidade étnica. A articulação entre professores do movimento, currículos contextualizados e práticas contínuas de integração cultural demonstra que a escola pode ser um espaço de resistência, salvaguarda e valorização cultural, promovendo a construção de sujeitos éticos, críticos e culturalmente conscientes.

## A ESCOLA QUE COMEÇA COM PROFESSORES QUE SÃO DO MOVIMENTO

Alguns participantes mais ativos no movimento de retomada das terras são hoje docentes da escola. Os mesmos são incentivadores de movimentos de valorização da identidade Potiguara, tanto para âmbito escolar, quanto para a comunidade, em busca de melhorias e projetos culturais para todos os envolvidos. Para além da atuação dentro da escola, os professores também participam de outras ações de mobilização ligadas à educação.

A escola da aldeia Três Rios tem o ensino voltado para a valorização da cultura indígena, se integrando com a aldeia a todo momento, mas com eventos em que fica ainda mais evidente esse processo. Desde os anos iniciais da aldeia o cacique Bel teve como iniciativa inserir o toré como prática importante com o objetivo de fortalecimento da cultura. Com o passar dos anos, dando continuidade nessa direção, foi criada a Semana Cultural de Oficinas, que acontece duas vezes no ano. A primeira é realizada na semana que antecede a comemoração do Dia dos Povos Indígenas, em 19 de abril e a outra nos dias que antecedem a Comemoração da Retomada de Três Rios, em 4 de agosto. Nessas semanas são realizadas com os estudantes oficinas de artesanatos, pintura corporais e ervas medicinais e a visitação aos anciões da aldeia em busca de conhecimento das origens do povo Potiguara e da luta pela territorialidade. Essas atividades são pensadas e executadas pelos professores e gestão da escola.

É importante também ver que esses professores atuam para além da escola, em projetos como o Anama, que reúne Potiguaras de várias aldeias em um projeto de extensão da UFPB que atua na formação de lideranças jovens para conhecerem e valorizarem nossa memória e nossa cultura. Outra iniciativa que vem integrando os professores em Três Rios é a Associação Indígena Socioambiental Curica, que vem atuando no incentivo ao reflorestamento na própria comunidade e nas comunidades vizinhas.

Entre os participantes ativos do movimento está o professor Joás Azevedo que atua, entre outras atividades, em oficinas de artesanato para confecção de macarás e pinturas corporais que representam nossa identidade Potiguara, dentro e fora das salas de aula. Na imagem 3 temos aparece o professor Joás administrando de forma voluntária oficina de

maracás para cursistas do Anama. Ele também é participante da Associação Indígena Socioambiental Curica, atuando em ações de reflorestamento e incentivando a reflexão sobre o cuidado com o ambiente.



**Imagem 3**

Oficina de produção de maracás do curso Anama. Escola Lopes Ribeiro. 2024. Autoria Sheyla Martins.

Outro incentivador da cultura Potiguara, o atual gestor da escola, Niltinho, iniciou como docente da escola. Ele busca sempre dar continuidade no fortalecimento da identidade étnica e preservar a cultura no âmbito escolar indígena com projetos e ações incentivadores para todos os estudantes. Entre essas atividades está a Semana Cultural, nos dias que antecedem o Dia dos Povos Indígenas (19 de abril) e a comemoração da Retomada das terras da Aldeia Três Rios (4 de agosto), buscando também para escola projetos que fortaleçam a cultura e a identidade Potiguara.



**Imagem 4**

Niltinho, atual gestor da escola de Três Rios, na comemoração do Dia dos Povos Indígenas. Local: Oca de Três Rios no Espaço Curica- Aldeia Três Rios no dia 26 de abril de 2024. Autoria Sheyla Martins.

A imagem 4 apresenta a comemoração do Dia dos Povos Indígenas em 2024. Na semana anterior foram feitas várias oficinas culturais e nesse dia é realizada uma exposição de tudo que foi feito durante os dias antecedentes. Nesse dia o gestor sempre faz uma fala, tanto para os alunos quanto para a comunidade, sobre a importância de valorizar a cultura, de participar ativamente dos movimentos indígenas, conhecerem os anciões e resguardar as suas histórias, para que não seja esquecida e possa ser passada de geração e geração os conhecimentos e as práticas da cultura do nosso povo.




**Imagem 5**
Cartaz do Tema da Comemoração do Dia dos Povos Indígenas. Espaço Curica, abril de 2024. Autoria: Sheyla Martins.

O docente José Romildo Araújo é indígena Potiguara no momento do conflito da retomada de terra não residia na comunidade, mas após sua chegada à comunidade, foi interagindo e se tornou participante ativo do movimento. Começando sua participação em busca de fortalecimento da cultura, atualmente é docente que ensina as disciplinas da língua nativa (Tupi) e a de Etnohistória. Ele é participante ativo da Associação Indígena Socioambiental Curica e já atuou em atividades do Anama.

Na imagem 6, podemos perceber o Professor Romildo Araújo, pintando a Colmeia que é uma pintura indígena corporal em sua aluna, em um momento da oficina de grafismo em outra Semana Cultural, em agosto de 2024, onde ele explica cada pintura e seus significados. Na imagem 7 vemos os alunos que aprenderam fazer a pintura, que já estão praticando e ajudando o professor a fazer as pinturas nos estudantes para o Dia da Comemoração da Retomada.

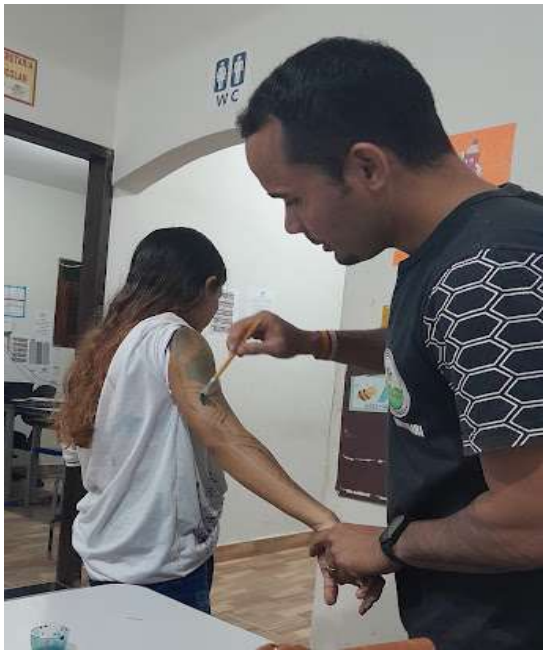





**Imagem 6 e Imagem 7**

Oficina de Grafismo, com o professor Romildo Araújo, pintando os alunos e ensinando as pinturas indígena Potiguara e seus significados. **Foto 7:**estudantes reproduzindo as pinturas que aprenderam com professor Romildo. Na Escola Provisória na Cidade de Marcação. Em 03 de agosto de 2023. Autoria: Sheyla Martins.

Na imagem 8 temos uma foto tirada à distância, que mostra todas as pessoas que estavam participando do ritual do Toré em comemoração da Retomada das Terras da Aldeia Três Rios, em 2024. Nesse dia havia pessoas da escola, da comunidade e de aldeias vizinhas, todos juntos para comemorar mas um ano da grande conquista e lembrar daquelas pessoas que fizeram parte da luta e que hoje já não estão mais vivas. Mais um exemplo desse processo contínuo de fortalecimento da identidade.



**Imagem 8**

Ritual do Toré no Dia da Comemoração da Retomada das Terras de Três Rios, no dia 04 de agosto de 2024, no espaço do Projeto Curica. Autoria: Sheyla Martins.

Nas oficinas realizadas na Semana Cultural que antecederam o Dia dos Povos Indígenas e a Comemoração da Retomada das Terras podemos ver a atuação dos professores ainda como mediadores de conhecimentos tradicionais, unindo estudantes e anciões, em duas outras oficinas. A primeira foi de mudas de plantas e de ervas medicinais. Nesta oficina os alunos conheceram um pouco das ervas que são utilizadas para fazer chás e que servem para muitas doenças e a importância das mudas de plantas, para mostrar a eles como é importante nós cuidarmos do meio ambiente, fazendo o plantio de mudas. A segunda oficina foi a de Cestaria, na qual acompanhei os professores na casa de um ancião, para ele ensinar aos estudantes como se faz as cestarias como samburá, covo, luminária de cipó, cestas e etc..

OFICINA DE ERVAS MEDICINAIS E MUDAS DE PLANTAS

Nessa oficina que aconteceu no dia 02 de agosto de 2023 não consegui ir na casa do ancião João Mendes, mas o professor Joás relatou como foi esta oficina. Seu João Mendes falou da importância que é fazer o reflorestamento, porque o homem tem destruído nossas matas, manguezais e precisamos cuidar do meio ambiente, para que as futuras gerações tenham um lugar para poder pescar, frutas para comer e além de tudo ter um lugar de matas verdes para pode viver. O senhor José Mendes que tem o Projeto Juriti, que já plantou mais de 3 mil mudas na aldeia, trouxe várias mudas de planta para serem distribuídas no dia da Comemoração da Retomada das Terras no dia 04 de agosto.

No dia seguinte fui à casa do professor Joás, onde estavam mudas das ervas medicinais. Lá os professores fizeram chá e explicaram aos estudantes para que serviam e para quais doenças eram adequadas pra tomar aqueles chás.



**Imagem 9**

Atrás da casa do Professor Joás, onde se encontrava as mudas de plantas medicinais, 03 de agosto de 2023 na Aldeia Três Rios. Autoria: Sheyla Martins.



**Imagem 10**

Na casa do professor Joás, onde ele fala da importância do chá. 03 de agosto de 2023. Fonte: Professora Gilvânia Pereira.

OFICINA DE CESTARIA

No dia 17 de Abril de 2024, acompanhei os professores Joás Azevedo e a Gilvânia Pereira, para fazer uma visita a casa do "Seu Zé Duas Cor", assim como é conhecido pelas pessoas da comunidade, e que faz cestaria, como samburás, covos, luminárias de cipó e cestas. Ao chegar em sua casa fomos bem recebidos com um sorriso no rosto e que estava feliz de nos receber. Então Seu Zé Duas Cor falou um pouco de sua vida, explicando como tudo começou. Disse que aprendeu a fazer cestaria sozinho, pois ficava olhando seu pai fazer, e foi tentando fazer até conseguir.

Ele faz as cestarias até hoje para vender e relatou que abril e maio são os meses que mais vende samburá e covo, porque é o tempo que as usinas param a moagem da cana de açúcar e os pais de família vão para o mangue pegar caranguejo e peixe para continuar sustentando a sua família. Ao longo da oficina ele foi mostrando como fazer um samburá e os estudantes muito atentos para aprender fazer também. O professor Joás finalizou a oficina falando que é muito valioso que os professores tragam os estudantes para vivenciar um dia com o artesão, onde muitos vão sair com um aprendizado sobre a realidade do nosso próprio povo.



**Imagem 11**

Chegada dos estudantes na casa do Seu Zé Duas Cor, para oficina de Cestaria. Abril de 2024. Autoria: Sheyla Martins.





**Imagem 12 e Imagem 13**

Seu Zé Duas Cor, terminando de fazer o Samburá.
Abril de 2024 em Marcação. Autoria: Sheyla Martins.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido pelos professores indígenas na escola e na formação desses estudantes revela-se de fundamental importância. Por meio da educação, esses promovem não apenas a transmissão de conhecimentos formais, mas também a valorização e a preservação dos saberes tradicionais. Nesse contexto, destacam-se oficinas onde os estudantes aprendem a fazer artesanatos, pinturas indígenas, as narrativas dos anciões, que recontam a história de luta, resistência e tradição do povo Potiguara, onde esses ensinamentos eles levam pra vida toda e passam para as futuras gerações, contribuindo assim para o fortalecimento da identidade cultural e mediante isso, os professores conseguem trabalhar uma educação que respeita a realidade e os valores da comunidade.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve uma enorme relevância em minha vida, fazendo com que eu, enquanto indígena Potiguara conhecesse um pouco mais da nossa história, costumes e ancestralidade. Ao longo desse processo, obtive informações que antes não eram do meu conhecimento e que hoje fazem grande diferença para mim.

A valorização do professor indígena como agente político e educacional é fundamental para o fortalecimento da identidade étnica e para a consolidação de uma educação verdadeiramente diferenciada na escola da Aldeia Três Rios. Mais do que transmitir conhecimentos escolares, o professor indígena desempenha um papel central na

preservação e na valorização da cultura, da língua, das tradições e dos saberes ancestrais de seu povo. Sua atuação ultrapassa o espaço da sala de aula, pois ele também participa ativamente das lutas coletivas por direitos, território, reconhecimento cultural e pela garantia de uma educação específica e intercultural.

Nesse contexto, o professor indígena se constitui como um importante mediador entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos da educação escolar, promovendo um processo educativo que respeita e fortalece a identidade cultural dos estudantes. Ao mesmo tempo, sua atuação contribui para o fortalecimento da consciência coletiva e para a afirmação da identidade étnica, elementos essenciais para a continuidade histórica e cultural dos povos indígenas.

Como argumentaram Tassinari (2008) e Luciano (2018) a educação escolar indígena ajuda muito no desenvolvimento e valorização da identidade étnica dos estudantes, mas para, além disso, existem pessoas que são fundamentais para que a escola se desenvolva, os estudantes tenham um aprendizado de qualidade e um ensino de acordo com sua realidade que são os professores indígenas, que têm feito a diferença na escola de Três Rios.

Dessa forma, reconhecer e valorizar o trabalho do professor indígena significa também reconhecer sua contribuição política, social e cultural dentro da comunidade. É por meio de sua atuação comprometida que a escola indígena se torna um espaço de resistência, de valorização da cultura e de construção de novos caminhos para as futuras gerações. Portanto, investir na formação, no reconhecimento e na valorização desses professores é um passo essencial para garantir uma educação indígena que respeite as especificidades culturais e fortalece a identidade do povo Potiguara.

## REFERÊNCIAS


BARTH, Fredrik. **Etnicidade e o conceito de cultura**. Antropolítica, Niterói, 2(19): 15-30, 2005.

COSTA, Thalles Chaves. **O ator antropólogo** - a observação participante como ferramenta do ator para a construção do personagem. Anais do XVI Encontro de Pesquisa e Extensão - XVI Encope/UERN – Mossoró - 14 a 16 de abril de 2010. Disponivelem:https://www.uern.br/encope/resumos/arquivos/2013.htm#:~:text=A%20observa%C3%A7%C3%A3o%20participante%20%C3%A9%20considerada,l%C3%B3gica%20que%20move%20essa%20comunidade. Acesso em 23 de setembro de 2024.

CRUZ, Amandda Figueiredo da. MONTEIRO, Diogo Francisco Cruz. OLIVEIRA, Kelly Emanuelly de. PALITOT, Estêvão Martins. **Pensando sobre Retomadas Indígenas no**

**Leste-Nordeste.** In: LONGUI. PAZ TELLA. GOLDFARB. (Orgs.) Antropologias, diversidades e urgências : 10 anos depesquisa no PPGA/UFPB. João Pessoa : Editora UFPB, 2021.294 p.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org.). **Toré**: regime encantado do Índio do

Nordeste. Recife: Fundaj Editora Massangana, 2005.

LUCIANO, Gersem J.S.**Educação para o manejo do mundo:** entre a escola ideal e a escola real do Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2018.

MARQUES, Amanda Cristianne Nascimento. **Território e Territorialidades da Vitória dos Potiguaras da Aldeia Três Rios/** Amanda Marques- João Pessoa, 2009.

NASCIMENTO, José Mateus. **EtnoeducaçãoPotiguara:** pedagogia da existência e das tradições.João Pessoa: Ideia, 2012.

PALITOT, Estêvão Martins. **A territorialidade dos Potiguara de Monte-Mór**: Regimes de memória, cosmologia e tradições de conhecimento. Revista Mundaú, (8), pp. 115–138, 2020.

TASSINARI, Maria Inês. **A educação escolar indígena no contexto da Antropologia Brasileira**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis. V. 10 n.1, p. 217, 2008.